

**FAZENDA SANTA THEREZA - HISTÓRIA,
HISTÓRIAS E RELATOS**

Mateus Rosada

mateusrosada@yahoo.com.br

**ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Fazenda Santa Thereza – História, Estórias e Relatos

Resumo

Trata da formação e das transformações ocorridas na fazenda Santa Thereza, antiga produtora de café no município brasileiro de Cordeirópolis. Discorre sobre sua implantação, a sucessão de proprietários e as mudanças implantadas por cada um deles na administração da propriedade. Analisa características peculiares da fazenda, como inovações no sistema hidráulico e nos modos de controle da produção e dos trabalhadores. Tem foco especial na vida cotidiana dos colonos que trabalharam na fazenda, tanto escravos e ex-escravos como imigrantes assalariados. Para isso, lança mão de relatos colhidos através de entrevistas com 4 antigos moradores para traçar um perfil da rotina, dos costumes, do modo de vida e das diversões dos moradores da Santa Thereza na década de 1950. Além disso, busca compreender a migração da população de trabalhadores rurais locais para a cidade, suas causas e efeitos e resultados na situação atual da propriedade.

Palavras-Chave:

Fazenda. Colonos. Café. Modos de Vida.

Introdução

Mas era gostoso! As festas lá... A gente tinha baile sempre, tinha jogo de futebol... A gente... Todo domingo ia à missa... E tinha reza todo dia. E de domingo a gente ia nesse terreno perto da escola que tinha o bar. A gente ia ao lado barzinho, a gente ficava no terreiro conversando... O bar era vizinho com a escola... E os homens iam jogar bocha... De domingo eles iam jogar bocha ali... Ah! Era isso aí! Nossa vidinha de lá era só isso... Todo dia a mesma coisa... (Vilma Daniel, ex-colona da fazenda Santa Thereza)

Este artigo procura resgatar um pouco das histórias do dia a dia dos colonos da Fazenda Santa Thereza, localizada atualmente no município brasileiro de Cordeirópolis, a 160 km da capital paulista, município este emancipado de Limeira em 1948. Sua história está, portanto, muito ligada também a este último. Foi uma das maiores produtoras de café da região e também uma das últimas propriedades a erradicá-lo, em 1959, dedicando-se desde então exclusivamente ao cultivo da cana de açúcar, cultura arrendada à Usina São João, do município vizinho de Araras.

Após a morte de seu proprietário anterior, João Virgílio de Mello Franco, em 2008, toda a área da fazenda que é coberta por cana foi vendida à usina que a arrendava, restando, à família proprietária apenas a área envoltória ao conjunto construído. A fazenda míngua lentamente, engolida pela força dos usineiros e por não ter conseguido adaptar sua antiga estrutura às novas dinâmicas do mercado agropecuário.

Este trabalho busca resgatar um pouco da história dos colonos, das pessoas que trabalharam em uma antiga fazenda cafeeira, semelhante a inumeráveis relatos de outras propriedades paulistas.

A herdade, a história, as heranças

Como era comum no início do período imperial brasileiro, a fazenda Santa Thereza foi aberta com a compra da parcela de uma sesmaria. Em 1818, Ignácio de Barcellos Leite e Antonia de Almeida Paes recebem do governo provincial a concessão da sesmaria do Ribeirão das Pederneiras no município de Limeira. A área concedida ficou conhecida pelo sobrenome de seu proprietário: Sesmaria do Barcellos. Doze anos depois, Jacinto Antônio Fagundes, casado com Maria Miquelina Antonia Soares Fagundes, comprou parte da sesmaria e formou a fazenda Pederneiras, que foi, inicialmente, engenho, cultivando a cana de açúcar. O café, produto que se mostrava muito mais rendoso que a cana, viria depois, substituindo aos poucos a cultura primitiva. A primeira experiência com o fruto na região ocorreu na fazenda vizinha, Ibicaba, em 1828, e espalhou-se relativamente rápido.

Acredita-se que as primeiras plantações da rubiácea na fazenda Pederneiras tenham ocorrido na década de 1840.

Em 1877, Maria Miquelina, viúva, vende a fazenda a um carioca, nobre que pertencia à corte imperial: Antônio Augusto Monteiro de Barros. Sob seu comando a Pederneiras foi rebatizada como Santa Thereza, em homenagem à sua esposa Maria Thereza, devota de Santa Teresa d'Ávila (FAZENDA, s.d.:51). O casal, que residia no Rio de Janeiro, vinha apenas algumas vezes ao ano à propriedade de Limeira. Além, dela, possuíam outras duas fazendas, uma em Resende (RJ) e outra em Santa Rita do Passa Quatro (SP). A partir do momento que passou a para as mãos dos proprietários cariocas, a fazenda se tornou uma vivenda da família, e não uma residência oficial.

Segundo os livros de inventário da fazenda, à época dos Monteiro de Barros, a propriedade era bastante extensa: tinha mais de 1700ha (700 alqueires) de área. Os relatos dos moradores dizem que a fazenda chegou a ter mais de 2200ha (900 alqueires)...

Após a morte de Maria Thereza, a propriedade foi dividida em duas partes entre os herdeiros, sendo que a que compreende a sede coube a Maria Marcolina Portella Monteiro de Barros, casada com João Pinto Machado Portella. A área plantada se expande com maior intensidade no período dos Portella. O inventário de 1926 mostra a cafeicultura da Santa Thereza próxima a seu auge: a fazenda possuía 510 mil pés de café nesse período (FAZENDA, s.d.:60) e a superfície total dos terreiros para secar o fruto era de quase 17.000m². Com a crise mundial de 1929, a fazenda diminuiu de tamanho a quantidade total de cafeeiros caiu para a metade.

Em 1938, com o falecimento de João Pinto, a fazenda foi dividida entre os três filhos (Antônio Augusto, Manoel e Maria Izabel), ficando cada um com um terço da propriedade. Nessa época, a fazenda aumentou sua produção: contava com 300 mil pés de café (FAZENDA, s.d.:69). Como os irmãos Antônio Augusto e Manoel morreram solteiros sem deixar descendentes, toda a área retornou para as mãos de Maria Izabel Portella de Mello Franco e a fazenda manteve-se íntegra.

O período de Maria Izabel seria marcado pela transição das culturas, quando o café já estava em baixa, não produzindo a mesma rentabilidade e novas culturas eram testadas concomitantemente na fazenda: arroz, feijão, amendoim, algodão, banana e, enfim, o retorno da cana de açúcar. A cafeicultura foi perdendo espaço até 1960, quando foi totalmente erradicada e o canavial se tornou a paisagem predominante na propriedade, substituindo também as outras culturas. A posse da fazenda passou posteriormente para as mãos de João Virgílio, filho de Maria Izabel (FAZENDA, s.d.:82). Encolheu, chegou até o ano de 2008 com cerca de 580ha (240 alqueires), quando, após sua morte, as terras foram vendidas para a Usina São João, mantendo-se apenas o núcleo construído em poder da família.

As características e unicidades da fazenda

O núcleo da fazenda Santa Thereza foi construído em meio à cunha do encontro de dois riachos, em um terreno relativamente íngreme, reunindo dois fatores extremamente importantes para a implantação de uma fazenda: a proximidade de fontes perenes de água e a declividade do sítio.

A água era importante nas propriedades, pois permitia o abastecimento para consumo humano e o funcionamento de todo o sistema de maquinários, rodas d'água e de benefício do café (lavadores, canais e peneiras), além da formação de lagos e açudes, reservas para eventuais secas. Também tinham como finalidade melhorar a umidade relativa do ar do núcleo durante os tempos secos de inverno. Existia um interessante sistema na Santa Thereza: devido à implantação entre dois riachos que formam um "V", nos períodos de estiagem a mesma canalização que captava água do riacho da esquerda e a levava para os lavadores de café, também a conduzia até o reservatório (lago) no riacho da direita, que abastecia as casas da fazenda, para que seu nível nunca ficasse demasiadamente baixo.

Havia também a necessidade da declividade se dava para garantir um bom escoamento da água por gravidade pelos sistemas da fazenda e para organizar hierarquicamente as edificações dentro dos domínios da propriedade. Num terreno inclinado, nivelava-se a sede a partir dos fundos, numa cota mais alta do terreno, a frente da casa resultava num sobrado: em cima a casa e, em baixo, o porão, que isolava a residência da umidade do solo, numa solução tipicamente mineira, como afirma Carlos Lemos: o "*partido assumido pela casa de meia encosta é a contribuição básica dos mineiros chegados atraídos pela indústria açucareira: casa assobradada na frente e térrea nos fundos satisfazendo um novo programa de uma nova sociedade*" (1999:89). Essa conformação se tornou extremamente recorrente dentre as fazendas de café. Com a frente da casa elevada do chão, a sede se erguia entre as outras construções para possibilitar o domínio visual das redondezas, "*a casa-grande se mostra a todo o conjunto de edificações, de modo a lembrar, constantemente, que é de lá que vem o poder, assim como as ordens e a punição*" (BENINCASA, 1998:135). Procurava-se, desse modo, localizar o casarão no ponto mais alto do terreno em que ainda fosse possível o abastecimento de água. As demais edificações se localizariam em pontos de cota mais baixa. Na Santa Thereza, as sucessivas ampliações do conjunto acabaram por desvirtuar um pouco essa hierarquia de poder, fazendo com que sua sede se localizasse em cota mediana do terreno, abaixo de outras edificações posteriores e, além disso, dando as costas para o terreiro. Apesar disso, e aqui está uma grande peculiaridade desta fazenda em particular, a tulha (que se comunica diretamente com o terreiro) é contígua à sede, sendo que há apenas uma porta que as separa, ou seja, a tulha da Santa Thereza é como uma extensão da casa, o que

demonstra que aqui havia um controle muito mais rígido, pois quando o colono ia levar uma carriola de café para a tulha, estava na realidade entrando na casa do proprietário.

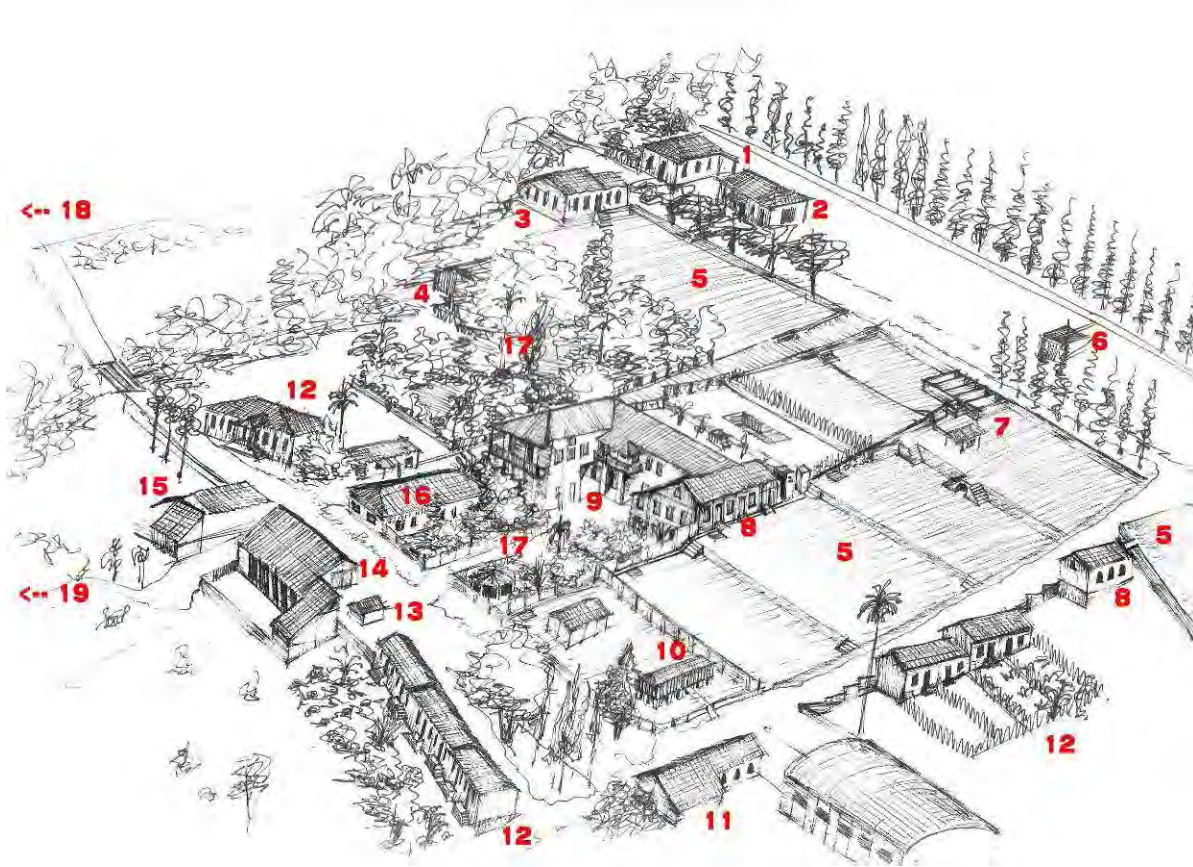
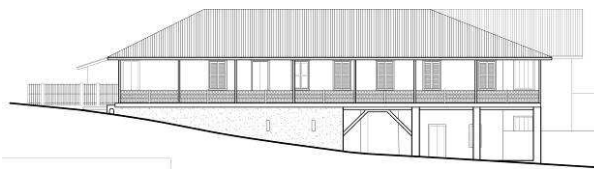
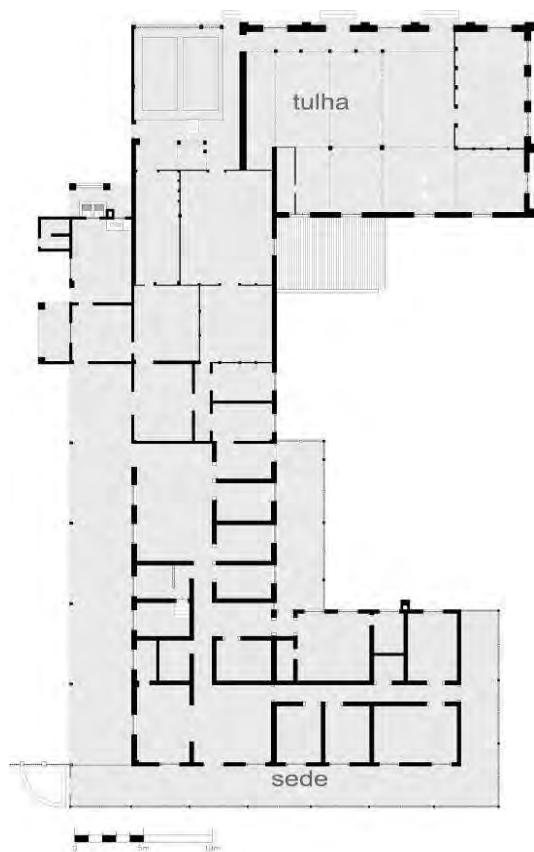


Figura 1: Implantação do núcleo central da fazenda Santa Thereza por volta de 1990: 1. Casa de fiscal, 2. Moinho elétrico, 3. Edifício da escola, bar e salão de festas, 4. Campos de bocha, 5. Terreiros, 6. Estufa (expurgo), 7. Lavadores de café, 8. Tulhas, 9. Sede, 10. Paiol, 11. Cocheira de burros, 12. Casas de colonos, 13. Garagem de troles, 14. Cocheira de cavalos e pocilga, 15. Oficina, 16. Administração e casa do administrador, 17. Jardins da sede, 18. Igreja, coreto, bar e colônias, 19. Moinho d'água. Desenho do autor.

A peculiar sede da fazenda data de 1873. Num mesmo edifício, estão, no nível mais baixo do terreno (no porão): a antiga senzala; e na cota mais alta do terreno: a sede propriamente dita (de costas para o terreiro) e a tulha/casa de máquinas (voltada para o terreiro). Configura-se, assim, na região, um exemplar raro de partido fechado, fato bastante peculiar em se tratando de fazendas de café. Na província de São Paulo, tal conformação só era comum em pequenos engenhos, mas totalmente incomum em fazendas de café.



Figuras 2, 3 e 4: Planta e elevação da sede da fazenda, onde se vê a organização que une tulha/casa de máquinas num mesmo edifício que o casarão dos proprietários. Abaixo, aspecto atual da sede.



O núcleo original da fazenda se estrutura em um partido retangular, onde o terreiro é o centro da fazenda e estrutura as construções no seu entorno, funcionando quase como uma praça, estrutura muito comum em engenhos açucareiros. Manuais de agricultura dos séculos XVIII e XIX já traziam “*claras e precisas referências às técnicas construtivas dos edifícios e, no caso da cultura do café, à disposição deles formando um pátio interno retangular*” (GOMES, 1998:25). A tradição dos senhores de engenho paulistas que se tornaram cafeicultores fez com que muitas fazendas de café aproveitassem o terreiro, o equivalente ao pátio central da época dos engenhos, como peça estruturante da arquitetura da propriedade. As fazendas mais antigas da região de Limeira se originaram de engenhos e foram aos poucos sendo transformadas em fazendas de café. A Santa Thereza provavelmente optou por essa conformação por seu núcleo ficar confinado entre dois rios, não sendo possível a expansão linear para outra direção que não acarretasse em excessivos deslocamentos verticais. Dessa maneira, optou-se por organizar a unidade de produção em torno do terreiro, orientando para ele todo o conjunto construído no início: seis casas de colônia, duas cocheiras, a oficina, a casa do administrador, o escritório, e as duas tulhas, uma delas acoplada à sede. A senzala, local onde eram trancafiados os escravos, geralmente ficava em um edifício próprio ao lado da sede. Aqui, localizava-se na mesma construção, nos porões do casarão dos proprietários, outro ponto que mostra o rigoroso controle que se fazia dos trabalhadores na Santa Thereza.

Escravos e imigrantes

Sobre os trabalhadores cativos obtivemos poucas informações, uma vez que já se passaram 120 anos da abolição da escravatura. Conversamos com Orides Lopes, 82, ex-colono da Santa Thereza e neto de escravos que lá viveram. Segundo ele, na fazenda os castigos aos cativos eram incomuns:

A Santa Thereza, pelo que eu vi conversarem, foi uma das fazendas que mais considerava os escravos. Isso falavam da época depois da libertação... Mas trabalhava, rapaz! Assim, de cuidar das coisas deles [dos proprietários] mesmo, porque tinha aquela riqueza: prata, aqueles objetos de ouro; e só os escravos que tinham a liberdade de lidar com aquilo lá. Limpar aquelas pratas, aqueles ouros... Os outros não punham a mão, não.

Após a vinda dos imigrantes, os proprietários mantinham uma confiança maior nos antigos escravos, provavelmente por terem mais tempo “de casa” e por falarem a mesma língua, dada a dificuldade dos imigrantes que chegaram de aprender o português.

Os trabalhadores assalariados, no caso da Santa Thereza, começaram a chegar após a abolição que, no município de Limeira, foi decretada em lei de 26 de janeiro de 1886. “*Tal ‘libertação’ era realizada não pelo convencimento dos proprietários, mas pela situação explosiva do meio, devido à crise no fornecimento de escravos, rebeliões, ação dos ‘baderneiros’, pressões legislativas, etc.*” (TAMIAZO, 1998:5). Embora a presença dos europeus na lavoura concomitante ao elemento servil já ocorresse em fazendas vizinhas desde 1840, o mesmo não aconteceu ali. Os registros das famílias dão conta que os grupos que vieram à Santa Thereza chegaram nas duas últimas décadas do século XIX. Esses grupos eram maciçamente de italianos. Nos anos 1950, havia na propriedade 55 famílias, das quais 50 eram de italianos, uma de japoneses, uma de alemães e apenas três de ex-escravos. Os membros da primeira geração pouco ou quase nada sabiam falar na língua local, o que provocou uma situação inusitada: pela convivência, os antigos escravos e seus filhos aprenderam a se comunicar em italiano com os novos moradores:

Minha mãe conversava com eles [com os italianos] que nem a gente tá conversando aqui, tudo em italiano! E assim, sem estudo, sem nada mesmo. Só de eles conviverem ali no meio, eles batiam papo com os italianos... Quando eu era pequenininho, eu ficava olhando que nem bobo, não sabia o que eles tavam conversando (Risos)... (LOPES, 2004)

A língua falada na fazenda, já no primeiro e segundo quartéis do século XX, era predominantemente o italiano. Somente com o tempo e com o nascimento dos descendentes desses primeiros imigrantes no Brasil, alfabetizados em português, que o idioma local passou a ser o mais usual nas colônias.

O ato de morar, a casa

O fim da escravidão e as levas de imigrantes que chegaram forçaram a construção de novas casas para comportar a população que, mais que trabalhar, precisava morar na fazenda. As casas dos colonos eram mesmo um oposto da portentosa sede da Santa Thereza, com seus 1200m². O modelo mais comum tinha 45m², com 5 ambientes e, geralmente, comportava uma família de 7, 8 pessoas.



Figura 5: Casa de colônia atual, ao lado da igreja. Teve as janelas originais trocadas por metálicas e foram construídos alpendre e garagem.

Arquitetura das casas da colônia se manteve sempre atrasada em relação às edificações mais importantes da fazenda. Elas se mostravam bastante simples, com suas janelas ainda sem vidro e com aspecto formal ainda muito mais assemelhado ao das casas coloniais do que à arquitetura eclética vigente no período. Eram casas muito simples, com pouca mobília, com apenas um ponto de luz, sem forro, sem banheiro e sem água, conforme nos descreve Orides Lopes:

As casas não tinham muitos móveis. As mesas davam metro e meio por dois metros e meio, eram grandes mesmo. E a sala era grande. Na minha família, nós éramos em nove. (...). E as cadeiras eram aquelas cadeiras antigas, empalhadas com palha de milho, era bonito. Palha de milho, trançadinho... Do jeito que você quisesse. Vou falar pr'ocê: era um serviço bonito mesmo! A casa, a gente entrava da rua assim, tinha a sala, depois tinha outra com a mesa do lado, assim, e aqui um quarto. Pra frente tinha outra... Numa base de uns seis a sete cômodos. E as famílias maiores, que iam ficando tudo ali, aumentava: fazia aquele puxado de lado assim. ... Era de chão [terra batida]. (...). Depois ladrilharam todos os cômodos. E a água era encanada. Cada grupo assim de casas, como eu falei pra você que tinha as luzes na rua, tinha também as caixas d'água. (...) E assim eram as casas lá, mas tudo com telhado, telhado bom mesmo, madeiramento bom... Telha comum. Tinha aqueles batentão grosso assim, com duas folhas, tudo de madeira. Nada de janela de ferro, vitrô de cozinha de ferro, Nem fechadura. Não existia. (...) Tinha

aquelas tramelas de madeira (...). E a casa era sem forro... As paredes não iam até em cima, né, de modo que um clarinho [da lâmpada] ia pegando em tudo. Era uma lâmpada só (por casa), mais que uma lâmpada não podia ter. Punha a lâmpada bem no alto... (...) Era fraquinha. (...). A cozinha era fogão à lenha. Tinha as chapas e fazia uma chaminé pra fumaça sair. Panela ficava em cima da chapa (eram poucas panelas) e tampa ficava em cima da mesa. Sempre tinha uma mesa a mais que punha os vasilhames de cozinha. Ou então tinha aquelas prateleiras que fazia em casa mesmo: quatro paus assim e punha as travessas. (LOPES, 2004)

Trabalho: o dia a dia na Santa Thereza

A vida era também simples, assim como as moradias. Relatos de oradores que viveram na fazenda até a década de 1950 mostram que trabalhava-se de segunda a sábado em período integral. Segundo Benedicto Rosada, 94, antigo colono e sacristão da fazenda, o horário de serviço iniciava-se às 6 horas da manhã, mas era necessário acordar às 4 horas para alimentar as criações, buscar leite na cocheira das vacas (os colonos não podiam possuir gado bovino, por questão de espaço. O leite era fornecido pela fazenda e cada família tinha uma cota), preparar o café e as marmitas para o dia de serviço.

Nós íamos trabalhar, tinha o ponto. Nós íamos lá na administração, na sede da fazenda 6 horas da manhã. Então administrador saía da casa dele e apitava. 6 horas saía cada um para o seu lugar, um ia para cá, o outro ia para lá, nos explicávam o que íamos fazer. E tinha que voltar às seis da tarde. 12 horas de trabalho. Chegava 9 horas: almoço. O café era à uma hora da tarde... E vinha pra casa às 6 da tarde. E o horário de comer era de 40 minutos. (ROSADA, B. 2003)

Eram doze horas de trabalho com dois intervalos para refeições. As crianças, dependendo do serviço, ajudavam na lida desde 5, 6 anos de idade, conforme relato de Jurandir Rosada, 63. As crianças em idade escolar estudavam por meio período e geralmente trabalhavam na outra metade do dia. O ensino era obrigatório: a fazenda mantinha uma professora que vinha de Limeira para as aulas. Havia apenas uma sala de aula, em que cada fileira de carteiras correspondia a um ano. A lousa era dividida em três partes e as matérias eram ali colocadas todas ao mesmo tempo pela única professora.

Assim, o dia das crianças se dividia entre os afazeres da escola, o trabalho com os pais e alguns trabalhos domésticos.

Quando eu estudava, tinha uma época que era de manhã, mas a maior parte era tarde. Aí trabalhava, quando era perto trabalhava por ali mesmo, e quando era longe então não ia com eles, ficava em casa fazendo alguma coisinha, cuidando das galinhas cuidando da horta... Do meio-dia e meia até às 5 da tarde. Ficava em casa, quando o trabalho da roça era longe, depois ia para a escola, voltava às cinco, cinco e meia da tarde, ia fazendo a janta... Tinha fogão de lenha, o feijão já

tava pronto... Já ia fazendo o arroz, lavando arroz, temperando arroz... (ROSADA, J. 2003)

Nem só de trabalho vive o homem: brincadeiras, festas e diversões

Depois do dia de trabalho, as famílias se reuniam em suas casas, jantavam e depois ainda participavam das rezas, dos terços, todos os dias. As rezas eram momentos sérios, mas, de certa forma, de confraternização e conagração entre colonos.



Figura 6: imagem atual do pátio da igreja, com o coreto ao lado

Depois a gente jantava, se lavava, porque banho era uma vez por semana só... Não tinha água, precisava buscar água para tomar banho... Então só lavava o pé assim, e a mão, e o rosto... Jantava, depois a gente saía bater o sino na colônia da fazenda para chamar o povo para rezar, para reza... Todo dia, umas seis e meia, sete horas... A gente não tinha relógio, só meu pai [Benedicto Rosada] que tinha um relógio, aqueles cebolão. Não tinha relógio de parede, não tinha nada. Tinha que andar até lá em cima na colônia, e a colônia tinha umas 50 casas. Ia batendo, voltava... Depois ia na reza... Depois dormir. (ROSADA, J. 2003)

A religião reunia as famílias na Santa Thereza. Era a capelinha o local das reuniões diárias, local também de conversar depois dos eventos religiosos. Era no pátio da igreja que as crianças brincavam, geralmente com pedaços de pau, com brinquedos improvisados, ou joguetes que não necessitassem de brinquedos, cantigas de roda, etc. Meninos e meninas não deixavam de se divertir pela ausência de instrumentos. Segundo nos contou Vilma Daniel, 71, ex-colona da fazenda:

A gente brincava de amarelinha... De noite. É... De pião, de amarelinha, de jogar trilha, de rodas... Os meninos soltavam pipa... Eles não tinham caminhão, não tinha nada, não tinha brinquedo eles pegavam um pau, faziam as rodas de madeira mesmo, colocavam um mamão em cima, e colocavam uma velinha dentro e puxava (risos) de noite para brincar... A gente não tinha brinquedo, não tinha nada. E boneca, a gente fazia de sabugo de milho. Às vezes tinha cabelo, às vezes não tinha. Enrolava num pano e brincava de boneca, nós não tínhamos

boneca. Não tinha! De noite, o pessoal juntava na calçada para conversar, ia na reza, depois ia brincar. E lavar roupa era uma brincadeira. Principalmente nós... Nós, quando éramos mocinhas, íamos lavar roupa tudo junto, torcia aquela baciada de roupa, daí pegava as calças dos homens assim, tacava na tina e molhava as outras. A gente ia para casa tudo molhada. (DANIEL, 2003)

Finda a semana, chegava-se ao domingo, que era o dia de descanso dos colonos. Eles aproveitavam essa folga para consertar alguma coisa na casa, arrumar utensílios e ferramentas. Era também dia de ir à missa. Uma vez por mês o padre (à época, o padre Luiz Stefanello) vinha da paróquia de Cascalho, bairro vizinho de pequenas propriedades, para fazer a celebração na fazenda. Nos demais fins de semana os moradores de Santa Thereza iam à igreja de Cascalho.

Domingo era também dia de diversão, de jogos, partidas e brincadeiras das crianças.

Tinha baile, tinha jogo de futebol... A gente ia ver o jogo... Tinha sanfona! Tinha a banda! Tinha dança. Tinha o bar, mas só. Tinha doce. Salgado, essas coisas, não tinha, não! No carnaval, a gente se vestia de máscara... Tinha baile de máscaras! Os homens se vestiam de mulher... Aí o patrão dava confete e serpentina para nós... (DANIEL, 2003)

A fazenda contava com uma estrutura para o lazer dos seus empregados: possuía campo de futebol, salão de baile, dois campos de bocha e dois bares: um ao lado da escola e do salão e outro no pátio da igreja. No salão eram freqüentes os bailes: todo sábado havia baile, com poucas exceções. “*Tinha baile no salão todo sábado, o barzinho ficava aberto de domingo*” (ROSADA, J. 2003). Nos dias em que não se realizava baile na Santa Thereza, os moradores iam às festas de fazendas vizinhas: Retiro, Barreiro, Itaporanga, São Francisco ou Ibicaba.

No pátio da igreja havia (há até os dias atuais) um coreto onde a banda dos colonos da fazenda se apresentava com regularidade. Puxando na memória, Benedicto Rosada lembra que “*primeiro não tinha coreto; a gente, em tempo de festa, fazia um ranchinho assim, punha encerado e tocava dentro. Desde sempre tinha a banda. Tinha uma banda boa lá*” (ROSADA, B. 2003)... A presença da banda era quase que obrigatória nas festividades principais, como os dias de Santa Teresa d’Ávila (15 de outubro), São Benedito, Carnaval, Páscoa e Natal.

A festa da padroeira tinha a missa, tinha o baile e tinha duas barracas, mais ou menos, que vendiam doce e bebida e... Pão com mortadela! Mas eu vou falar pr’ocê: puta almoço gostoso que tinha! E tinha aquela ilusão de comer pão com mortadela, porque a mortadela, aquela época, era coisa louca, né? Bem temperada... Então nosso sonho era esse... De tarde, lá pelas 3 horas, tinha procissão, tinha a banda de Cordeiro (antigo nome de Cordeirópolis, antes da emancipação, em 1948) que ia lá, depois ia até umas 8, 9 horas, depois não tinha mais gente. Apesar que era tudo iluminado com bico de luz, assim, enfeitava de

bandeirinha, tudo... Na entrada da procissão soltava fogos. Ah, era bonito... (LOPES, 2003)

O ciclo do café chega ao fim, a fazenda se esvazia

Ao mesmo tempo que em que se exigia uma pesada carga de trabalho aos colonos da fazenda, também lhes eram proporcionados meios de diversão e sociabilidade. Todos os ex-colonos entrevistados disseram gostar muito do período em que viveram na Santa Thereza.

Mas o sistema de produção cafeeira estava em franca decadência: as novas leis trabalhistas do período do presidente Getúlio Vargas eram bastante prejudiciais aos trabalhadores rurais e buscavam, mesmo, forçar um êxodo rural e uma urbanização do país. Frente aos métodos de produção canavieira, que ganhava novo impulso, pois necessitava de poucos trabalhadores, o antigo formato de organização da cafeicultura se achava muito obsoleto e se tornaria muito dispendioso pelos gastos com a mão-de-obra na nova lei trabalhista.

As usinas de álcool ganhavam muita força e se expandiam nesse período. A vizinha Usina São João começa, na década de 1950, a arrendar pequenas áreas da Santa Thereza para plantar cana de açúcar...

O café já estava acabando, cada ano ia diminuindo... Cada ano arrancava um, dois alqueires de café e plantava cana. Ia arrancando... Quando eu saí de lá [em 1959], tinha, praticamente, do que eu conheci, uns 10% de café, depois acabou com tudo. Um ano, dois depois, já não tinha mais nada. Só isso... (ROSADA, J. 2003)

Em 1959, quase toda a área cultivada da fazenda passou a ser arrendada para a Usina São João, o café já tinha sido praticamente erradicado. Foi elaborado um novo contrato com os colonos para aquele ano, como ocorria todo início do ano. O contrato removia as terras para cultivo dos lavradores e permitia que apenas os homens chefes de família e maiores de 18 anos pudessem trabalhar e receber salário. Maiores de 14 anos receberiam metade desse valor, ao passo que mulheres e crianças não poderiam trabalhar nem receber remuneração alguma.

Nós fazíamos o contrato uma vez por ano. Então teve um contrato muito ruim que tirou todas as terras para gente plantar. Não dava mais terra para nós plantarmos. Os tratos era para você pensar oito dias: fazia o contrato, depois de oito dias você falar lá com o administrador. (...). Aí ele fez esse contrato ruim. Aí eu vim aqui em Limeira, fui na praça falar com o promotor para ver se eu tinha algum direito, se meu pai tinha direito... Meu pai tava com 61 anos de serviço lá! Falei com o promotor e ele perguntou: "é indústria?". E eu falei: "não". "Então não tem direito a nada", ele falou. Só tinha direito se trabalhasse na indústria, senão não (ROSADA, B. 2003).

Com um contrato desfavorável, sem respaldos legais e sem direitos a indenizações ou aposentadorias, 30 das 55 famílias se mudaram para a cidade naquele ano. No ano seguinte mais 20 famílias deixaram a Santa Thereza. Restaram apenas cinco. Benedicto Rosada deixou claro a impressão que teve quando foi pedir ao administrador o caminhão da fazenda emprestado para fazer a mudança para a cidade:

Então, no dia de fazer a minha mudança, fui lá falar com ele, né? ... Que me emprestasse o caminhão para fazer a mudança. Ele: "você vai embora?". "Claro que eu vou embora". "O que eu posso fazer pro senhor não ir?". Eu falei: "agora? Agora que eu vendi tudo as minhas criação?". "Não! Te dou o animal para você trabalhar aqui". "Não". "O senhor vai passar fome", ele disse. "Fome eu vou passar aqui também, com esse contrato aqui. Passo fome aqui, então vou passar fome na cidade" (ROSADA, B. 2003).

As famílias que deixaram as fazendas da região para residir na cidade se juntaram aos enormes contingentes que incharam as áreas urbanas. Em Limeira, a maior parte dessa população passou a trabalhar na indústria, em atividades completamente díspares em relação ao que estavam acostumados na lavoura. Ainda assim, se adaptaram e, como tudo muda, tiveram que mudar com o mundo.

A expansão da cultura canavieira estendeu aqueles enormes tapetes verdes por todas as áreas onde há não muitos anos se encontravam os cafezais. Desaparecia, na região de Limeira, o fruto que fez a fortuna de muitos, que trouxe o fausto e opulência às fazendas e às cidades, que transformou uma área distante de tudo em zona próspera, que deslocou tão numerosos contingentes de população. A Santa Thereza, assim como muitas fazendas com histórias semelhantes, foi encolhendo de tamanho, tendo suas construções demolidas, mas ainda se mantém, de certa forma, até os dias de hoje, ao passo que outras propriedades já desapareceram por completo sob os canaviais. A importância de remanescentes como ela reside exatamente nas histórias que suas construções, muros e paredes, podem contar, sobre os fatos, os modos e os costumes que nos constituíram como sociedade.

Referências

BENINCASA, Vladimir. **Velhas fazendas**: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. 1998, 370p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, p. 135.

DANIEL, Vilma R. **Entrevista**. Limeira, s.n., 2003.

FAZENDA Santa Thereza. **Livro de Documentos**, pertencente à família Mello Franco. [s.l.: s.n., s.d.] – folhas 1, 51, 60, 69 e 82

GOMES, Geraldo. **Engenho & Arquitetura**. Recife: Fundação Gilberto Freire, 1998.

LEMOS, C.A.C. **Casa paulista**. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 89.

LOPES, Orides. **Entrevista**. Limeira, s.n., 2004.

MARTINS, Ana Lúcia. **Império do café: a grande Lavoura no Brasil, 1850 a 1890**. 13 ed. São Paulo: Atual, 1990. p.57.

ROSADA, Benedicto. **Entrevista**. Limeira, s.n., 2003.

ROSADA, Jurandir. **Entrevista**. Limeira, s.n., 2003.

TAMIAZO, Paulo. **Uma nova proposta para a história de Cordeiro(polis)*1** “A Tribuna”, suplemento especial, em 13.jun.1998 disponível em <<http://www.corderovirtual.com.br/historia/artigos/20061025070239artigo11.pdf>>